

Espelhos e imagens: produção de subjetividades sobre escolas, professores e alunos

[Iguatemi Santos Rangel](#)



Como educador, buscando uma maior compreensão da relação que as diferentes instituições sociais estabelecem entre si, utilizo uma metáfora de Santos (2005), bastante esclarecedora, no sentido de fornecer elementos para ampliar a percepção que temos das escolas e dos sujeitos praticantes que a produzem diuturnamente.

Segundo Santos (2005, p. 48), “[...] uma sociedade sem espelhos é uma sociedade aterrorizada pelo seu próprio poder”. Então quais são os espelhos que refletem e quais são as imagens refletidas pela sociedade moderna? Respondendo à primeira questão, Santos aponta para o direito, a política, a ciência e a educação. A resposta a segunda questão remete à problematização sobre os usos e consumos que tem sido feito, sobretudo pela mídia, dos acontecimentos e imagens produzidas nos cotidianos das escolas.

As escolas e os sujeitos que a habitam tem aparecido nos noticiários de forma bastante caricata. Linhares (2002, p. 5) ressalta que “Não é raro que percentagens e índices quantitativos sejam acumpliciados com imagens, que vão desde as propagandas até as metáforas jornalísticas, enfatizando que os fracassos escolares e educacionais são produzidos pela incompetência do professorado”.

Essas reflexões sobre as duas primeiras questões nos levam a uma terceira questão: qual a importância do uso do espelho? Segundo Santos (2003, p. 47-48), pelo uso, se opera a transformação e produção de subjetividades, ou seja, quanto maior é o uso de um dado espelho e quanto mais importante é esse uso, maior é a probabilidade de que ele adquira vida própria. Assim, de objeto do olhar, passa a ser, ele próprio, o olhar. Um olhar imperial, porque se, por um lado, a sociedade deixa de se reconhecer nele, por outro não entende sequer o que o espelho pretende reconhecer nela.



Ressalta-se que a educação é um espelho, mas um espelho sob a moldura da ciência e também da mídia. Nesse aspecto, Linhares (2002) afirma que a produção científica sobre as escolas e sobre os professores tem se ocupado em pintar uma imagem caricata e distorcida, uma imagem apocalíptica da escola e seus sujeitos.

No que diz respeito às produções sobre as escolas e os professores, as narrativas dos professores revelam essa assimetria entre saber da experiência e saber acadêmico, em que se observa o alastramento de um em detrimento do outro.

O mesmo podemos asseverar em relação as imagens produzidas pela mídia. Os professores, as escolas e os alunos aparecem quase sempre em derrocada.

Entretanto nosso mergulho no cotidiano das escolas tem nos mostrado que a realidade é muito mais multicolorida do que os quadros sombrios e cinzentos que pintam a escola e seus professores. Percebemos movimentos (ALVES, 2003) que se caracterizam pela vitalidade das práticas pedagógicas que são realizadas, a despeito dos problemas que existem e que são muitos. Os sujeitos das escolas têm escrito outras histórias, produzidas com muitas renúncias, com muitas abstinências, com muitos sacrifícios e negações, mas também com muitas paixões e realizações.

Sobre a importância da produção de outras imagens sobre as escolas, destaca-se a consideração de que somos formados a partir de miríades de imagens que nos são apresentadas desde a infância, e essas imagens, como num filme, vão produzindo nossa história. Tal como a imagética da vida, que vai nos envolvendo em uma trama visual, sonora, tátil, olfativa e gustativa, somos também envolvidos em imagens que são produzidas sobre as escolas e sobre os professores.

Os professores fazem parte não do grupo dos que discursam sobre a escola, mas dos que fazem a escola cotidianamente. A oportunidade de narrar suas histórias, buscando articular suas experiências singulares a um coletivo institucional, revela que há mais coisas entre a escola e a academia e os sistemas do que as teorias de apoio supõem. Em outros termos, há mais coisas por trás das imagens que são veiculadas sobre as escolas, os professores e os alunos. Em síntese: a quem interessa produzir imagens fragilizadas sobre o professor, a escola e a educação?

LEGENDA(S) DA(S) FOTO(S)

- Fotos capturadas na Internet.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. No cotidiano da escola se escreve uma história diferente da que
- conhecemos até agora. In: VORRABER, Marisa. A escola tem futuro?. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- LINHARES, Célia. Bons espelhos custam caro - imagens na produção política de subjetividades docentes. 2004. Disponível em <http://www.uff.br/aleph/>. Acesso em: 25 set. 2005.
- SANTOS, Boaventura S. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. Porto: Afrontamento, 2005.

sobre o(a) autor(a):

Professor Adjunto do Departamento de Linguagem, Cultura e Educação do Centro de Educação da UFES; pesquisador do Grupo de Pesquisa Currículos, cotidianos, culturas e redes de conhecimentos do PPGE/CE/UFES.